

Manifesto Antropófago – 80 anos e indo ao infinito

Regina Mota

Resumo:

Escrever sobre o *Manifesto Antropófago*, escrito há 80 anos por Oswald de Andrade (1928), deveria ser um dever de casa para todos os estudantes do ensino médio e ciclo básico das universidades do país. Nada é mais próximo de nós brasileiros do que sua matéria prima – o conflito. Esse texto discute algumas questões caras à antropofagia, aqui pensada como teoria de interpretação da cultura. O retorno ao primitivo, base dessa reflexão modernista, significa a introjeção dos valores filosóficos que davam sustentação ao ritual canibal praticado pelos índios Tupinambá da costa brasileira, por considerá-los apropriados e válidos como princípio simbólico ordenador.

Na análise que proponho da obra, duas questões precisam ser consideradas à priori: a inspiração do manifesto no momento culminante do ritual antropófago e a realização artística, inseparável das idéias destruídas, criticadas e transubstanciadas no texto poético.

O ritual canibal tinha início com a captura do inimigo, que podia viver longos anos junto aos seus contrários, com uma esposa ritual, atividades cotidianas, troca de experiências e até mesmo procriar. Um dia ocorreria sua execução o que ele sabia, aceitava e era impensável qualquer ato de covardia, já que o sentido do ritual dependia dos valores que a vítima era capaz de ostentar – a coragem, a bravura, a altivez, qualidades que justificariam a sua vingança futura pelos seus parentes.

Esse anúncio se dava no momento final, quando executor e vítima trocavam graves ofensas manifestando cada um deles, o significado do sacrifício do indivíduo para a manutenção do corpo social da tribo. Imobilizado com a mussarana, ele mantinha as mãos livres e podia arremessar frutos, acusar, ofender e, sobretudo, fazer ameaças que garantiam a continuidade da guerra de vingança daqueles povos. Também o executor podia responder à altura, produzindo uma logomaquia - uma verdadeira guerra de palavras.

O Manifesto Antropófago é uma imagem ilustrada desse momento máximo de acerto

de contas entre nós e o outro, o inimigo, o diferente que produz a fronteira da heteronomia de um grupo, garantindo a sua alteridade. Os mesmos princípios estão presentes nos aforismos ideográficos que Oswald combina em retratos contrastantes, na produção de instantâneos da destruição. Na matéria poética, pulsam outras matérias plásticas, como a literatura (Passos, Joyce) e o cinema (Vertov, Eisenstein) da época que abandonavam a narrativa do romance para criar visões e escrituras sintéticas de um mundo que só podia existir na obra de arte.

Mas é a natureza do feminino e sua manifestação pictórica, presente nos quadros de Tarsila do Amaral, a pedra fundamental da expressão antropófaga. O *insight* da pintora vai inspirar o texto que tentará colocar em palavras o que suas telas sugeriam. As formas e cores já distantes das influências cubista, expressionista ou surrealista, retornam ao tempo cíclico matriarcal para reconstituir aspectos recalcados da ancestralidade indígena. O *Abaporu* (1928), obra inaugural da antropofagia modernista, dá início a uma série de reconstruções imaginárias que, por si mesmas, reabilitam o sentido profundamente mítico dessas imagens.

Poderíamos dizer que a luz que ilumina essa metafísica bárbara é verde e rosa, reflexo da floresta e da terra americana. O sol é apenas uma laranja e não ocupa o lugar do rei, da luz divina ou da razão. Sua noite misteriosa é cortada por um rio profundo habitado por Jaci, a lua e pela cobra grande, ou Urutu, seres mágicos cujas formas flexíveis são projetadas em volumes que condizem com a multiplicidade e exuberância barroca tropical. Não há traço de nostalgia ou busca de valores perdidos do passado. O retorno ao primitivo é expressão viva do resgate das energias psíquicas reprimidas, ultrajadas e negadas pela imposição de fórmulas estéticas e intelectuais, tomadas da civilização greco-romana.

Essa matéria presente na obra de Tarsila do Amaral vai compor uma das forças contrárias do manifesto que lançada contra o inimigo produziria outra vez o movimento da contínua transformação do mundo, permitindo a alteração de cada um. Tornar-se outro e garantir a mudança da vida são fundamentos do mundo indígena canibal, que o manifesto reedita.

A guerra de oposições

Portanto é preciso entender o manifesto como um ato antropofágico complexo porque o texto não pretende resolver as questões, mas colocá-las a nu sob uma nova perspectiva, ou chave interpretativa. Podemos afirmar sem temor que a antropofagia é uma teoria do conflito, composta como um ideograma no qual é possível identificar de um lado a imposição e o trauma da herança patriarcal e do messianismo e de outro, a terapêutica simbolizada pela herança matriarcal ancestral. A cura pretendida se daria por uma reinvenção cultural num ato de fazimento de si, operado por uma dialética sem síntese, que associa o que só pode existir pela destruição:

Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente. Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz.

A antropofagia une os signos patriarcais e messiânicos representados pelo governo geral, que impôs as ordenações e pela catequese jesuítica que trouxe a salvação cristã das almas selvagens. As palavras vão quebrando a censura imposta à religião, moral e ao direito dos que aqui viviam há 30 mil anos, avisando ao leitor que

Nunca fomos catequizados. Vivemos através de um direito sonâmbulo. Fizemos Cristo nascer na Bahia. Ou em Belém do Pará.

e o que subsiste como religião na alma dos convertidos é o paganismo tupi e africano de cujo substrato inconsciente faz parte o antigo direito de vingança na sociedade tribal. “Tupi or not tupi that’s the question” resume a problemática polarizada entre vestidos e nus, entre a verdade ontológica e o corpo que age sobre a natureza em conexão direta com o Cosmo:

O que atropelava a verdade era a roupa, o impermeável entre o mundo interior e o mundo exterior. A reação contra o homem vestido. O cinema americano informará.

O índio vestido de senador do império, cheio de bons sentimentos portugueses, alegoria carnavalesca da ópera de José de Alencar, é devorado pelos maus selvagens, os “filhos do sol...encontrados e amados ferozmente, com toda a hipocrisia da saudade, pelos imigrados, pelos traficados e pelos turistas. No país da cobra grande.”

Duas séries de emblemas e mitos estão alinhados em confronto de cujo choque resulta a dessacralização do inimigo sacro, transformando o tabu em Totem. São eles; Padre Vieira, significando a retórica e a eloquência, Padre Anchieta, o fervor apostólico e a pureza, Goethe, o senso de equilíbrio e a plenitude da inteligência, a Mãe dos Gracos, a moral severa, o culto à virtude, a corte de D.João VI, a dominação estrangeira e João Ramalho, o nosso primeiro patriarca.

Os mitos culturais – sol, cobra grande, o jaboti, Jacy, Guaracy etc. – habitantes das reservas imaginárias instintivas do inconsciente coletivo, catalizariam quando satiricamente lançados contra os primeiros, a operação antropofágica, como devoração dos emblemas de uma sociedade. No ritual antropofágico, o ato de devoração representava a aproximação dos homens de seus deuses, trazidos à terra à força para uma convivência familiar. O manifesto propõe a digestão dos nossos conflitos interiores e as resistências do mundo exterior sem culpa, sem complexos ou ressentimentos, assumindo a mesma atitude anti-hierárquica dos Tupinambá com respeito aos seus deuses e inimigos.

Essa alteridade fundante da antropofagia, que une pela destruição crítica os contrários, é expressa pela regra “Só me interessa o que não é meu. Lei do Homem. Lei do Antropófago.” que coloca o desejo do outro na ordem de todo dia, fazendo a apologia a qualquer diferença. Para os Tupinambá, os outros eram seu destino e sua solução, vem daí sua abertura para o desconhecido que proporcionou o encontro entre os estrangeiros invasores e os habitantes da terra, que pareciam aguardá-los como possibilidade.

O instinto caraíba e a barbárie tecnizada

Queremos a Revolução Caraíba. Maior que a Revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem. Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem.

Essa aparente utopia revolucionária é a virada do texto, a expressão da atitude anti-hierárquica, que se rebela mesmo estando aprisionada aos grilhões patriarcais e messiânicos. Oswald grita, berra e inverte o sentido, literalmente, da ordem histórica do espaço e do tempo evolutivos. Fomos nós que demos a eles a sua pobre declaração

dos direitos do homem – Rousseau, Montaigne, e o Sr. Lèvy Bruhl são devorados e criticamente denunciados como antropófagos. Sem o outro americano - o caraíba, o europeu não teria como afirmar a sua alteridade de técnico civilizado.

O homem natural, ao contrário do que preconiza a razão moderna, não evolui para o civilizado. Dotado outra vez do seu instinto primevo, o mau selvagem que come o civilizado cria um novo termo, o bárbaro tecnizado, que retorna ao primitivo, gerando novos ciclos de mudança no lugar de evolução. O canibal é produtivo e transformador porque cria a instabilidade em vez de um resultado, uma conclusão ou síntese. A energia psíquica liberada na transubstanciação toma a forma do transe, fonte da imaginação, celebrado nas festas de beberagem de cauim, no ócio e na livre comunhão amorosa. Assim, o manifesto se coloca

Contra o mundo reversível e as idéias objetivadas. Cadaverizadas. O *stop* do pensamento que é dinâmico. O indivíduo vitima do sistema. Fonte das injustiças clássicas. Das injustiças românticas. E o esquecimento das conquistas interiores.

propondo a vivência dos Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros, e o abandono das idéias que matam. O pensamento bárbaro permite o desnudamento do homem que a psicanálise empreendia, no qual Tupi ou caraíba conota as forças primárias que animam e impulsionam o desenvolvimento humano, criando um novo mito que incidindo sobre a história para criticá-la, torna-se um contra-mito.

Prática artística de renovação da linguagem

Oswald de Andrade se coloca contra o discurso lógico-linear herdeiro da colonização européia propondo uma reflexão original que se expressa por uma intuição poética densa da conceituação filosófica esquematizada para uso, abuso e transgressão. O texto é o exemplo do patos do mau selvagem e do topos canibal na língua usada para destruir internamente ou pela justaposição, o sentido prévio de conceitos, emblemas, tabus e mitos.

O Manifesto Antropófago registra o momento inaugural do que iria ocorrer posteriormente na linguagem – um pensamento cultural e uma língua brasileira calcada na síntese das expressões regionais da prática oral de todo o país.

A palavra/imagem de Oswald de Andrade pulsa sob muitos outros textos, atravessando o romance regionalista até Guimarães Rosa. Ela será celebrada e retomada como fonte de inspiração pelos poetas concretistas nos anos 1950. Mas é no Cinema novo e posteriormente, na Tropicália que a sua metafísica será enfim compreendida e encarnada pelos personagens, sons e imagens de Glauber Rocha, Joaquim Pedro de Andrade, Hélio Oiticica, Caetano Veloso, José Celso Martinez, Tom Zé, Torquato Neto entre outros neo-anthropófagos.

Afirmando a mesma postura de descentramento da proposta oswaldiana, é da periferia urbana que surge agora um novo ciclo de antropofagia, marcada por exemplo pela edição da Semana de Arte Moderna da Periferia (SP/2007), que reeditou os signos do modernismo, em direção contrária, ao colocar na margem o centro dos acontecimentos. Quem quisesse assistir às manifestações, tinha que se deslocar para os saraus e lançamento dos novos autores, que emergiram sem o reconhecimento das instituições culturais e que pretendem criar seu próprio mercado. São histórias narradas pelos novos bárbaros tecnizados que no lugar do uso do tacape escrevem livros para vingar os seus parentes ancestrais.

Referências Bibliográficas

Obs. Assumindo uma postura de pilhagem tipicamente antropófaga e oswaldiana, evitei as citações das minhas caríssimas referências ao longo do texto. Devo a maior parte das idéias expostas nesse artigo à leitura, debate e trocas de experiências com Maria Cândida Almeida, cuja reflexão tem sido responsável pela atualização da obra de Oswald de Andrade na academia; a esplêndida exegese operada por Benedito Nunes no prefácio de *A Utopia Antropofágica*, bem como outros textos seus sobre o modernismo brasileiro; ao catalão abasileirado e técnico barbarizado, Eduardo Subirats, na sua última visão do paraíso; à poética e histórica antropologia de Eduardo Viveiros de Castro, que atravessa todo o texto quando interpreto diretamente o ritual Tupinambá. Organizo abaixo o que considero uma “bibliotequinha antropofágica” para interessados em se iniciar na difícil arte da “alteração de si”.

ALMEIDA, Maria Cândida. *Tornar-se outro. O topos canibal na literatura brasileira*. São Paulo, Anna Blume, 2001.

- ALMEIDA, Maria Cândida Ferreira. Só a antropofagia nos une. *En* MATO, Daniel (compilador). *Estudios y otras practicas intelectuales latinoamericanas en cultura y poder*. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Caracas, Venezuela. 2002.
- ANDRADE, Mário. *Poesias Completas*. Belo Horizonte, Vila Rica, 1993.
- ANDRADE, Mário. *Macunaíma*. Belo Horizonte, Garnier, 2004.
- ANDRADE, Mário. *Aspectos das Artes Plásticas no Brasil*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1984.
- ANDRADE, Mário de. *Introdução à Estética musical*. São Paulo: Hucitec, 1995.
- ANDRADE, Mário. *Obra Imatura*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1980.
- ANDRADE, Oswald. *Obras Completas. Estética e política*. São Paulo, Globo, 1992.
- ANDRADE, Oswald. Manifesto antropófago. In *Obras Completas. A Utopia Antropofágica*. São Paulo, Globo, 1995.
- CAMPOS, Haroldo. “Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira.” *Boletim bibliográfico – Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, v.44, jan/dez. 1983.
- CAMPOS, Haroldo. Miramar na Mira. In: ANDRADE, Oswald. *Obras Completas. Memórias Sentimentais de João Miramar*. São Paulo, Globo, 2000.
- CASTRO, Eduardo Viveiros. *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo, Cosac e Naif, 2002.
- CASTRO, Eduardo Viveiros. *Awareté*. Rio de Janeiro, Zahar, Anpocs, 1986.
- FACCHINETTI, Cristiana. O Antropófago e Freud. In *Deglutindo Freud, histórias da digestão do discurso psicanalítico no Brasil*. Rio de Janeiro, Doutorado em Teoria Psicanalítica –IP/UFRJ, 2001.
- FONSECA, Hermes. *Direito Sonâmbulo: Possibilidades emancipatórias do jurídico insurgente do cotidiano*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Direito da UFSC, 2007.
- GAMBINI, Roberto. *Espelho índio. A formação da alma brasileira*. São Paulo, Axis mundi, 2000.
- LESTRINGANT, Frank. *O canibal. Grandeza e decadência*. Brasília, UNB, 1997.
- MOTA, Regina. Introdução à metafísica bárbara. In *Contextura: Edição especial A filosofia no Brasil*. Belo Horizonte, FAFICH/UFMG, 2007. p133-151.
- NUNES, Sebastião. Antropofagia ao alcance de todos. In ANDRADE, Oswald. *Obras Completas. A Utopia Antropofágica*. São Paulo, Globo, 1995.
- NUNES, Sebastião. Estética e correntes do modernismo. In ÁVILA, Afonso. *O Modernismo*. São Paulo, Perspectiva, 2002.
- Revista de Antropofagia*. Reedição fac-símile de José Mindlin da primeira e segunda edições. São Paulo, Abril/Metal Leve, 1975.
- SUBIRATS, Eduardo. *Penúltima Visão do Paraíso*. São Paulo, Studio Nobel, 2001.